

## 10. Os Estudos Japoneses no Brasil: Uma Área em Crescimento

### Tradição e modernidade em conflito: Keiji Nishitani e a crise identitária japonesa

Amanda Keiko Yokoyama<sup>1</sup>

#### I. INTRODUÇÃO:

A compreensão do Vazio na filosofia japonesa, apresenta uma interpretação oposta ao pensamento ocidental, especialmente no contexto das crises filosóficas instauradas no século XX, entre os filósofos que discutem acerca deste tema, os mais importantes para este trabalho são: Nietzsche e Heidegger, já que ambos influenciam diretamente no pensamento de Keiji Nishitani.

Keiji Nishitani é um filósofo que vivencia a modernização e ocidentalização do arquipélago, e junto a isso, a maneira acrítica que os nipônicos passam a adotar aos novos costumes europeus, os ataques das bombas atômicas e a derrota da Guerra, fez surgir a instauração de uma crise espiritual e identitária. O homem deste período oscilava entre o tradicional e moderno, além disso, há uma tentativa de tentar delimitar o que é japonês do que é estrangeiro, há uma busca do que é ser nipônico, levando a instauração da crise do Eu Japonês.

É possível observar este problema do Vazio na filosofia de Keiji Nishitani, fazendo uso de uma referência muito presente para os jovens no Japão (e também no restante do mundo), trata-se de uma animação: “O Conto da Princesa Kaguya”, onde desde o início até o final do filme, há citação de simbolismos e significados que fazem referências diretas ao Budismo. A começar pelo nascimento da protagonista, surgindo do bambu, uma planta conhecida por ter em seu interior um espaço oco, ou seja, o nascimento se dá a partir do vazio, tal como ilustra a personagem. Já é possível ter uma ideia inicial da forma como o Japão e a sua sociedade compreendeu o Vazio.

#### II. DESENVOLVIMENTO:

Começamos com uma ilustração que ajudará a colocar o problema entre o Nada e o Vazio na filosofia japonesa, fazendo uso de uma referência muito presente

---

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia na Universidade Estadual de Londrina (UEL) Email: amanda.keiko.yokoyama@uel.br

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

na atualidade, trata-se da animação do Conto da Princesa Kaguya (かぐや姫の物語) de 2013, do Studio Ghibli, do diretor Isao Takahata. O Conto da Princesa Kaguya é baseada em um dos contos mais antigos do Japão, o Taketori Monogatari (O conto do cortador de bambu), mas irei focar somente na animação da Ghibli para este trabalho, sem trazer comparações com o conto original.

Logo no início, somos apresentados ao humilde cortador de bambu, Sanuki Nomiyatsuko, em mais um dia comum de trabalho, no entanto, algo sai de sua rotina diária e mudará sua vida a partir do momento em que avista algo brilhante em meio aos bambus, despertando sua curiosidade, e fazendo-o procurar e encontrar um broto de bambu luminoso (竹の子- Takenoko - broto de bambu), ao se aproximar da luz, o broto floresce, e dele surge uma flor de lótus e em seu centro se encontra uma pequena criança, tão pequena, que cabe na palma da mão de Sanuki, ao acolher a pequena menina em suas mãos, julgou ter sido abençoado pelos céus, e passa a chamá-la de “Princesa”, neste momento somos apresentados a protagonista, ao seu pai adotivo (Sanuki) e segundos depois, a sua mãe adotiva.

Neste primeiro momento, presenciamos o nascimento da protagonista principal, carregada de simbolismos e significados que fazem referências diretas ao budismo, a começar pela posição da qual se encontra a protagonista: sentada de pernas dobradas com os dois pés para trás e as duas mãos para frente próximas umas das outras, assemelhando ao estado de meditação, e se encontra neste estado dentro da flor de lótus, que também traz simbologias religiosas do budismo

Todos os Budas e bodhisattvas são representados sobre flores de lótus como assento ou como piso, em pé, ou uma flor para cada pé, pois é a flor que lhes representa o potencial para pureza absoluta e a perfeição da sabedoria. Na cosmologia budista, o universo e os Budas surgem de um lótus. (CHAMAS, F. C. 2015. Pg. 111)

A citação remete à análise de como o Vazio/Nada é interpretado pelo Japão, e de que modo, podemos entrelaçar este conceito e manifestação a partir do nascimento da protagonista, surgindo do bambu, uma planta conhecida por ter em seu interior um espaço oco, ou do seja, o nascimento se dá a partir do Vazio, tal como ilustra a personagem. Já é possível ter uma ideia inicial da forma como o Japão e a sua sociedade compreendeu o Vazio, indo em direção oposta ao pensamento ocidental, que concebeu o vazio/nada no século XX, através do reconhecimento da crise instaurada pela metafísica, entre os filósofos que discutem acerca deste tema,

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

os mais importantes para esta pesquisa são: Nietzsche, que expõe essa crise quando faz o anúncio em *A Gaia Ciência* (1887), mas geralmente associada às obras *Assim Falou Zaratustra* (1891), de que “Deus está Morto” e Heidegger em *Ser e Tempo* (2005) analisando o *Dasein*, já que ambos influenciam diretamente no pensamento de Keiji Nishitani, como aponta James Heisig,

Nishitani foi autorizado a ir para a Universidade de Friburgo, onde passou dois anos. estudando com Martin Heidegger, que lecionava sobre Nietzsche na época. Enquanto estava lá, o próprio Nishitani preparou e proferiu uma palestra sobre Zaratustra de Nietzsche e Meister Eckhart. (HEISIG. 2001. Pg. 184. Tradução minha).

No anúncio de Nietzsche sobre a Morte de Deus em *A Gaia Ciência* (1887), é instaurado a crise dos valores ocidentais alicerçados no cristianismo

“Deus está morto”, que a crença no Deus cristão caiu em descrédito — já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa. Mas no principal pode-se dizer: o próprio acontecimento é grande demais, distante demais, demasiado à parte da capacidade de apreensão de muitos para que sequer sua notícia pudesse já chamar-se chegada: sem falar que muitos já soubessem o que propriamente se deu com isso — e tudo quanto, depois de solapada essa crença, tem agora de cair, porque estava edificada sobre ela, apoiado a ela, arraigado nela; por exemplo, toda a nossa moral europeia. (NIETZSCHE. 1983. Pg. 211)

A aniquilação dos valores supremos tradicionais do ocidente, gerou uma ausência de finalidade de sentido do Ser, e a perda de sentido do mundo perante sua existência, nos deparamos frente ao abismo do vazio, assim como cita Volpi a respeito de Nietzsche

E o que ocorre ao longo do processo histórico no decorrer do qual os supremos valores tradicionais que ofereciam resposta àquele "para quê?" — Deus, a Verdade, o Bem — perdem seu valor e perecem, gerando a condição de "ausência de sentido" em que se encontra a humanidade contemporânea. (VOLPI. 1999. Pg.55-56)

Já Heidegger em *Ser e Tempo* (2005), interroga sobre as estruturas mais fundamentais, ou seja, pela sua própria existência, direcionando a busca pela questão do próprio sentido de Ser, uma busca pelo Ser-aí, o Dasein. Causador de grande angústia, pois existimos de maneira reflexiva frente ao Mundo, temos consciência de nossa finitude desde o nosso nascimento, e tudo aponta para a transitoriedade da vida, frente a isso, nos encontramos desamparados ao abismo do vazio. Ambos os filósofos traçam uma definição de conceito de Nada/vazio abissal, causador da ausência de sentido, portanto não podemos encontrar o Ser no abismo do Nada.

Então, enquanto o ocidente estabeleceu um Nada abissal e aniquilador, e oposto a existência, ao Ser, Ente ou Coisa, e que de certo modo, negligenciaram a busca do Vazio, pois é sempre uma procura pela definição do conceito “fora” dele, o Japão faz uma investigação mais fundamental pelo Vazio, dando a devida importância a esse tema, se propõe a fazer uma busca pelo Vazio em sua radicalidade. Uma procura por sua essência, mas que está relacionada diretamente a religiosidade japonesa, xintoísta e zen-budista (de forma não dogmática). Aqui, surge outra peculiaridade quando tratamos deste tema comparada ao ocidente, uma vez que “[...] a base espiritual da Europa não se tornou nossa base espiritual” (NISHITANI.1990. Pg.175. Tradução minha), isso porque, a chegada dos jesuítas ao Japão foi um dos motivos para a política de fechamento dos portos japoneses por um longo período, chamado de Sakoku, e que moldará o pensamento filosófico e religioso dos japoneses.

Um evento de grandes proporções, que viria a gerar um forte impacto no pensamento japonês e na formação de uma determinada identidade nacional, foi o Sakoku Jidai (“Período da Nação Fechada”), a partir de 1639: a proibição do contato com países estrangeiros e de viagens ultramarinas japonesas, ocorrido após a proibição do Cristianismo em solo nipônico (1616). [...] O fechamento foi, também, medida de contenção ao interesse colonialista das potências ocidentais, que utilizava a influência cultural jesuíta, muitas das vezes, como “ponta de lança” para uma posterior dominação militar. (SANTOS, A. F. A. 2011. Pg. 41-42.)

Porém, após mais de dois séculos de reclusão do Japão, vemos surgir um cenário de ocidentalização com a reabertura forçada dos portos japoneses, a chamada Era Meiji, conhecido também como o período de modernização do arquipélago, e junto a isso, a maneira acrítica que os nipônicos passam a adotar os novos costumes europeus, fez surgir a instauração de uma crise identitária e espiritual,

A razão pela qual o vazio foi gerado na fundação espiritual dos japoneses, em primeiro lugar, foi que nos precipitamos seriamente para a ocidentalização e, no processo, nos esquecemos de nós mesmos. (NISHITANI. 1990 Pg.177-178. Tradução minha)

Outra situação que acentuou ainda mais este sentimento aos japoneses foi, os ataques das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, durante a Segunda Guerra Mundial, a rendição dos japoneses foi inevitável, e a consequência de seu fracasso na guerra, foi a ocupação de uma base militar americana em Okinawa. Expondo uma

crise que o Japão estava vivenciando desde os anos iniciais da Era Meiji, e de acordo com Heisig, gerou um sentimento de

(...) mal-estar geral da perda de identidade entre os intelectuais japoneses, que se distanciaram das pessoas comuns e da “terra nativa da cultura tradicional” para se perder em ideias ocidentais que também não poderia fornecer-lhes uma identidade. O “eu” tornou-se, como ele diz, efêmero. (HEISIG. 2001. Pg. 192. Tradução minha).

O país do sol nascente passa por grandes transformações, atravessando o sistema “feudal” (Era Edo), para um sistema moderno e capitalista (Era Meiji), o homem deste período oscilava entre o tradicional e moderno, é instaurada a crise identitária do Eu japonês.

Para compreender o pensamento do filósofo Keiji Nishitani, é importante esta citação histórica, já que suas duas principais obras: A Auto Superação do Niilismo (1949) e em A Religião e o Nada (1982), são realizadas depois desses momentos que influenciam diretamente ao seu pensamento, pois, é a partir desses eventos que Nishitani passa a identificar o Vazio em solo japonês, ou seja, há uma perda de identidade do Eu Japonês nesse processo de ocidentalização. Então, se para o ocidente, o vazio não poderia fornecer respostas ao Ser, Nishitani irá fazer a traçar o caminho diferente, onde o ser é juntamente com a nulidade, um nada radical: do sânscrito Sunyata (vacuidade), um termo cunhado pelo budismo Mahayana, em suas palavras

No ponto de vista budista de sunyata (“vazio”), este ponto vem à luz ainda mais claramente. Sunyata é o ponto em que nós tornar-se manifesto em nossa própria talidade como seres humanos concretos, como indivíduos com corpo e personalidade. E, ao mesmo tempo, é o ponto em que tudo ao nosso redor se manifesta em sua própria talidade. Como observado anteriormente, também pode ser mencionado como o ponto em que as palavras “Na Grande Morte, céu e terra se tornam novos” podem significar simultaneamente um renascimento do eu. Mesmo que isso seja chamado de “renascimento”, o que se quer dizer aqui é a aparência do eu em seu semblante original. É o retorno do eu a si mesmo em seu modo original de ser. (NISHITANI. 1990. Pg.90-91. Tradução minha)

Retomamos a ilustração ao início da animação para exemplificar que, é do Vazio que nasce a protagonista (do bambu), ou seja, há neste momento, o surgimento ou encontro do Ser no Vazio, muito semelhante a ideia de Keiji Nishitani, que define que o Vazio e o Ser não são contradições ou oposições, mas são “auto idênticos”

(...) vazio apenas quando se esvazia mesmo do ponto de vista que o representa como alguma “coisa” que é vazio. É, em sua Forma original, auto-esvaziante. Nesse sentido, o verdadeiro vazio não deve ser colocado como

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

algo fora e diferente do "ser". Em vez disso, deve ser realizado como algo unido e auto-idêntico ao ser. (NISHITANI. 1990. Pg. 96-97. Tradução minha)

Logo, para que seja possível chegar a compreensão do Vazio e do Eu verdadeiro é necessário passar por três etapas: *Grande Dúvida*, *Eu da nulidade* e o *Autodespertar do Rosto Original*. Somente no campo do Vazio o Eu pode encontrar o Si mesmo. O Nada e o Ser passam a coexistir no campo do Sunyata.

### III. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Durante um período conturbado do Japão, surge Keiji Nishitani, um filósofo japonês da Escola de Kyoto, que tem como base para seu pensamento a religiosidade Zen Budista. Nishitani passa a reconhecer uma crise identitária em solo Japonês, que se inicia desde o período de reabertura dos portos, e esse sentimento foi intensificado com os bombardeios nucleares em Hiroshima e Nagasaki. No entanto, de forma oposta ao ocidente, o filósofo japonês nos apresenta uma forma de compreender o Vazio juntamente com o Ser, e é nesse encontro entre Eu e Vazio que surge o “Eu Verdadeiro”.

Sendo possível observar essa reflexão de Nishitani sobre o conceito de Vazio por meio da animação do Conto da Princesa Kaguya, abrindo uma nova possibilidade de compreender essa concepção filosófica. Além de estabelecer um diálogo entre mundos por meio da tecnologia, um diálogo intercultural que pode acontecer não apenas com o estudo entre a filosofia japonesa e ocidental, mas também com o advento dos animes e mangás, disseminando a cultura japonesa neste mundo globalizado, possibilitando a abertura para o conhecimento único e singular estabelecendo o que é essa identidade japonesa, que Nishitani tenta definir.

### Referências Bibliográficas:

- ANDRÉ, RICHARD GONÇALVES . Do Samsara à ancestralidade: a apropriação do culto aos ancestrais no Budismo japonês. REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES , v. 11, p. 277-305, 2018.
- AZEVEDO-LOPES, Ronnielle. A Leitura de Heidegger acerca do Nihilismo e da sentença de Nietzsche 'Deus está morto'. Revista de Cultura Teológica, v. 20, p. 07-149, 2012
- CHAMAS, F. C. Origens das formas budistas. ARS (São Paulo), [S. I.], v. 13, n. 25, p. 105-113, 2015. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2015.105526. Disponível em:

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

<https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/105526>. Acesso em: 13 ago. 2023.

DEGUCHI, Yasuo. Nishitani on Emptiness and Nothingness. In: LIU, JeeLoo; BERGER, Douglas L. (ed.). Nothingness in Asian Philosophy. 1. ed. New York and London: Taylor & Francis Group, 2014. cap. 20, p. 299-325. ISBN 9780415829441; 9781315774244.

HEISIG, James W. Philosophers of Nothingness. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2001.

NIETZSCHE, F. W. A Gaia Ciência. In: Obras incompletas. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NISHITANI. "The self-overcoming of nihilism". Nova Iorque: State University Press, 1990.

OSHIMA, Hitoshi. O pensamento japonês. São Paulo: Escuta, 1991

O CONTO DA PRINCESA KAGUYA. Direção: Isao Takahata. Produção: Yoshiaki Nishimura, Toshio Suzuki e Seiichiro Ujii. Japão: Studio Ghibli, 2013. Plataforma de streaming NETFLIX.

SANTOS, A. F. A Contribuição do confucionismo para as inter-relações doutrinárias presentes no pensamento japonês durante a formação do período Edo (Séc; XVII); 2011; Dissertação (Mestrado em Programa de Pós Graduação em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SANTOS, EDER SOARES; MORAES, SYMON PEREIRA DE. Pressupostos para o não-saber: do niilismo ao desfazimento do eu e a vacuidade em Nishitani.

VOLUNTAS: ESTUDOS SOBRE SCHOPENHAUER, v. 10, p. 49, 2019.

SUZUKI, T.. A escrita japonesa. Estudos Japoneses (USP), São Paulo, v. 5, p. 53-61, 1985.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná